Epistolário do Instituto

Exm.º Am.º Sr. Barão de Santana Neri

Paris

Chegado ontem ao Ceará li, e com que desvanecimento compreendem todos, a lisongeira apreciação que mereceram a V. Excia. meus pequenos esforços para que a história do Ceará seja escrita em face de documentos que façam fé.

Com a extrema indulgência dos espíritos de élite considera V. Exa. meus serviços muito acima do que realmente valem.

É verdade que por longos meses, e ininterruptamente, consagrei-me a pesquisar e estudar velhos manuscritos que enriquecem a Capital Portuguesa e numa dessas ocasiões minha estrela deparou-me a felicidade de conhecer pessoalmente V. Exa., que tão alto tem erguido nos círculos Europeus o nome Brasileiro; é verdade que consegui retirar do pó dos arquivos alguns preciosos documentos que em breve estariam perdidos, tal é o estado em que já se encontram, e poderei assim proporcionar tambem meu contingente para que em futuro não remoto possua sua história escrita o belo torrão em que nasci, mas tudo isso que fiz e que pretendo ainda realizar é pouco, é exíguo, quando encaro-o sob o prisma do que devem à pátria os filhos que como eu extremecem-na e buscam levantá-la.

"Ativo defensor das cousas cearenses" chamou-me o 1.º Secretário do Instituto Histórico Brasileiro no seu Relatório dos trabalhos anuais de 1891 e 1892; deu-me ele quinhão maior que o merecido, mas galardoou-me com o título que aceita de melhor grado o meu muito amor ao Ceará.

Já que me falecem os requisitos para ser seu historiador, entrego-me ao santo júbilo de colaborar tambem com alguma cousa para que outrem de mais luzes e de maior competência realize obra de tamanha magnitude.

Esse júbilo compensa em parte os vitupérios que meu caráter possa despertar nos espíritos estreitos, invejosos e mal orientados, que em toda parte os há, maxime nas localidades pequenas, nas quais a politicagem dá aos amigos todas as virtudes e empresta aos

adversários e aos **indiferentes** toda sorte de vícios, toda casta de defeitos.

V. Exa., educado no grande meio Europeu, não compreende bem essas lutas de campanário, esses choques de interesses bastardos e que tentam às vezes tomar a máscara do bem público ou da opinião do maior número; V. Excia., alimentado na atmosfera oxigenada, sadia, que apraz aos homens verdadeiramente sábios, desconhece serpentes de espécie nova; mas nós outros, que por cá mourejamos, temos de quando em vez o ouvido ferido pelos silvos e as plantas picadas pelo aguilhão de certas raças danosas, mas já hoje inofensivas, por que com o crescer do número das vítimas se lhes atenuou a violência; daí, a justiça de haver para nós alguma compensação, daí a necessidade de homens como Santana Neri, que sabem estender o braço amigo ao viandante alheio ao caminho ou cansado da jornada, que não recusam a frase animadora aos que lutam pelas boas causas ou se sacrificam por uma idéia generosa.

Por minha parte contraí uma dívida com V. Exa. Aquela apreciação estampada no "Jornal do Comércio" do Rio-de-Janeiro cativou minha gratidão; vou ajuntá-la, e com orgulho, às que produziu a nímia indulgência do jesuita J. Torrend, de Cristovão Aires, de Ferreira Deusdado, Gabriel Pereira, Sena Barcelos, José Muniz, Adolfo Coelho, Porfírio de Carvalho, Rodrigo Veloso e outros camaradas do batalhão sagrado das letras, aos quais as "Notas para a história do Ceará" não passaram despercebidas.

Quero, porem, que de dia a dia avlume-se minha dívida, e assim sucederá por certo se às inúmeras ocupações que roubam a V. Exa. os minutos preciosos, quiser V. Exa. ajuntar inda uma outra: o favor de lembrar-se do humilde médico e do humilde colecionador de papéis velhos que vive neste recanto do mundo.

É um pedido de egoista e de interesseiro, bem sei, por que nesse desejo ardente de entreter relações epistolares com V. Exa. vai a minha certeza de quanto de ameno e proveitoso tenho a colher e admirar, mas os mestres são bondosos.

Patr.º e amigo agrdo.
Dr. Guilherme Studart

1893

Boulevard Rio-Branco, n.º 27.

Meu caro Capistrano

22/5/02

Como a você nada escapa, com certeza já conhece o trabalho de Henri Vignaud sobre Colombo e Paolo Toscanelli. Eis aí. Se verdadeira é a sua afirmação no monumental trabalho com que concorreu para o "Livro do Centenário", de que os escritores germânicos são geralmente infensos a Colombo, não é agora da nebulosa e sonhadora Alemanha, mas da França, que vem o inimigo da memória gloriosa do grande Italiano.

Henri Vignaud é o continuador de Gonçales de la Rosa na campanha de difamação do apuramento da verdade, dirá ele.

No conceito do crítico francês, a Carta de Toscanelli ao cônego Fernão Martinz, datada de 25 de Junho de 1474, e a cópia fornecida pelo próprio Toscanelli, a Cristovão Colombo, cópia que no espírito deste teve tanta influência, que você divide-lhe a vida em dous períodos bem caracterizados — antes e depois da epístola e da carta geográfica de Toscanelli — carta e cópia, repito, nunca existiram, são invenções, pura invenção da família de Colombo.

De Bartolomeu, como quer Vignaud, do própio Cristovão, como se inclina a crer Gabriel Marcel, comentando-o.

Ora aí está. Andaram os historiadores, geógrafos e cosmógrafos a dar cabeçadas por 4 séculos e eis que no século das rehabilitações surge o Sr. Vignaud a desvender a **honteuse supercherie.**

O que diriam Las Casas, o autor da "História das Índias", e Fernando Colombo, se hoje voltassem ao mundo e se encontrassem com essa nova corrente de opinião?

Em todo esse negócio, convenhamos, há muito que estudar e deslindar. Não há negá-lo. Não existe o original da carta de Toscanelli, que, perdoe-me seu erudito biógrafo Uzielli, vivia imbuido, saturado das idéias anacrônicas, errôneas, exageradas dos viajantes Polos e, pois, pouco habilitado a dar conselhos seguros sobre a navegação para as Índias pelo lado do Oeste; não traz data a carta de Toscanelli a Colombo, remetendo-lhe a cópia da que escrevera a Fernão Martinz; Las Casas, o 1.º a falar desses documentos, não diz das mãos de quem os conheceu nem viu-lhes os originais; a cópia publicada por Harisse e encontrada na Biblioteca Colombina, respeitavel e precioso edifício que tive o prazer de frequentar muitas vezes, não combina, como você diz muito bem, com a tradução do bispo de Chiapa; a "História" atribuida a Fernando Colombo é uma adaptação, um resumo da "História das Índias" de Las Casas; de Fernão Mar-

linz, o valido de um rei, o correspondente de homens sábios e eminentes, não diz palavra a crônica Portuguesa; Toscanelli, um entendido consultado pelos reis sobre assuntos de navegação, não trata a ninguem dessa régia preferência; Colombo, que se atou a tantos motivos para levar a seu fim o cometimento que o sagrará eternamente, em papel algum deixa escrito o nome de Toscanelli; Florença, a Pátria de Toscanelli, fica muda, não se abalança a reclamar para esse seu filho as glórias de ter sido o iniciador, o influenciador do descobrimento da América.

Quantas cousas a se contradizerem! E aquela data de 25 de Junho de 1474, quando em Portugal não se cogitava, e prova-o o silêncio de seus grandes escritores de então, de se abrir caminho verdadeiramente para as Índias, todos os espíritos estando voltados para as terras de Preste João?!

E como estes, outros muitos pontos estão aí a provocar, a aguçar os estudiosos.

Pobre Colombo! Já não eram pouco os grilhões que lhe lançaram aos pulsos a inveja e a ingratidão. Já não bastava lhe desencavarem uns amores ilegítimos, o que lhe roubou as honras dos altares; agora, atiram-lhe por cima o labéu de falsário.

Pobre Colombo! E por que fabricaria ele as tais cartas? Pelo simples gosto de querer que seu feito maravilhoso de ajuntar mundos ao mundo conhecido se estribasse nos conceitos e nos estudos dos homens que, como Toscanelli, passavam por competentes e de autoridade? Mas falsificar tais cartas, digo eu, não era colocar-se em segundo plano, não era dar a outrem quinhão considerável no colossal empreendimento?

Você, que é mestre e versado nessas cousas, dará às opiniões de La Rosa, Vignaud e Marcel o valor que por ventura mereçam.

Para terminar, transmito-lhe a notícia que estive a fazer um estudo do que ao nosso Ceará possa aproveitar a imensa e magnífica coleção de mapas e cartas marítimas acumuladas pelo Barão do Rio-Branco para pleitear os direitos do Brasil ao contestado do Amapá. Já se aplicou você a isso?

Noto que nos mapas de João Teixeira (1641 e 1642 Bib. Nac. de Paris, Inv.) é que pela primeira vez figura o nome **Siará**. Aliás já no atlas do Visconde de Maiollo (1515), existente na Biblioteca Real de Munich, há nomes, como a caminhar de N. para S., **Cabo de plazer, Cabo Corso, P. de fumos, C. de S. Lucas, Monte de elli,** que são nossos. Mas nos mapas de Abrahamus Ortelius (1570-1624) descubro, no local onde figurará mais tarde **Siara** ou **Ceará,** a palavra **Ora,** palavra que se repete em inúmeros outros

desde Belleforest (1575) até Iacobus Hondius (1602-1633), palavra que volta a aparecer em Giuseppe Roraccio (1657) e por tanto depois de João Teixeira, ao mesmo tempo que está oculto o nome Siará. No atlas de Diogo Homem, manuscrito do Museu Britânico, 1558, aparece pela 1.ª vez a **Baía das Tartarugas** ou **das Tortugas**, como outros dizem.

Recife, 15 de Dezbro. de 97.

Ilm.º Sr. Dr. G. Studart

Fortaleza

Constando-me que V. S., quando esteve ultimamente em Portugal, ocupou-se em pesquisar, nas bibliotecas e arquivos de Lisboa, documentos referentes à história pátria, venho rogar-lhe o obséquio de comunicar-me se ali conhece alguem que queira e possa, mediante razoavel remuneração, incumbir-se de procurar-me algumas informações de que assaz necessito. Trata-se da cópia de algumas Ordens Régias do século passado, e principalmente de obter notícia exata e completa sobre o periódico — **Aurora Pernambucana** — publicado nesta cidade, em 1821, por Rodrigo da Fonseca Magalhãis, que mais tarde veio a ocupar tão conspícua posição na política do Reino.

As coleções deste primeiro jornal pernambucano que até hoje tenho examinado estão truncadas e incompletas. Presumo, porem, que em algumas das bibliotecas de Lisboa deve existir a mesma coleção completa, pois o referido Rodrigo da Fonseca para ali retirou-se, no próprio ano de 1821, em companhia de seu sogro, o general Luiz do Rego.

Estes dados me são indispensaveis para o trabalho que tenho em preparação sobre "A Imprensa em Pernambuco", ao qual desejo dar o desenvolvimento e a exatidão possiveis.

Antecipadamente os meus sinceros agradecimentos, sou

De V. S.
at. vendor. e cr.º
Alfredo de Carvalho
10, Rua Barão-da-Vitória
Recife

Recife, 21 de Abril de 1898.

Ilm.º Sr. Dr. Guilherme Studart

Ceará

Juntamente com a sua estimada carta de 15 do corrente, recebí o Vol. II da magnífica "Revista da Academia Cearense"; por ambas as bondades, sou-lhe sumamente grato. Estimei saber terem-lhe sido de alguma utilidade os incompletos apontamentos que enviei-lhe sobre jornais do Ceará, e com muito prazer passo a informá-lo do que conseguí colher com relação aos seis periódicos sobre cujas datas V. S. está em dúvida.

O Cangussú. — Nunca vi, mas tenho nota do seu aparecimento em 1891.

A Estrella do Norte. — Folha católica, que apareceu em 1863 e teve longa duração.

Gazeta de Baturité. — Propriedade de uma associação. — Baturité, Tip. da Gazeta de Baturité, impressa por Jorge Aires de Miranda, 1881-82, **in-fol.** — Vi o n.º 42 (ano I) com data de Domingo, 12 de Março de 1882.—Como era de publicação semanal não resta dúvida que apareceu em 1881. Era redigida por Aleixo Anastácio Gomes.

O Icoense. — Nunca vi, mas tenho nota do seu aparecimento em 1870.

O Lirio. — Impresso na "Tip. Popular" e de que era editor Suitberto Padilha, apareceu em 1872 e ainda publicava-se em 1875, tendo sofrido várias interrupções.

O Republicano. — Orgão do Clube Floriano Peixoto. Contra o sebastianismo. — Fortaleza, 1895-96, **in-fol.** Vi o nº 6 (ano II), com data de 21 de Abril de 1896, consagrado à memória de Tiradentes, cujo retrato orna a 1.ª pág. — Tinha como diretor: Júlio Braga, e por epígrafes "É preciso dizer ao povo quem elles são" e "Tudo pela Republica e pela Patria". — Distribuia-se **gratis** pelos soldados e meninos das escolas públicas, que podiam procurá-lo no escritório da redação, à Rua do Senador Pompeu, n.º 167.

Ás notas anteriores tenho a acrescentar que o "Jornal da Granja" apareceu em Fevereiro de 1894, e que o n.º 1.º da "Pequena Revista" é de 13 de Maio de 1891, e não de 1.º, como erradamente informei-lhe.

Continuo ao seu dispor para qualquer outro esclarecimento que me for possivel ministrar-lhe.

Creio que já recebeu a minha última tradução, "Olinda Conquistada", para cuja péssima revisão imploro a sua benevolência.

Aguardando novas de V. S., sou com toda a consideração

De V. S.
amigo e crdo. grato
Alfredo de Carvalho